

CONTEMPLANDO O INVERNO

POEMAS, CONTOS E CRÔNICAS



ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

ORGANIZADORA

ELENIR ALVES

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Elenir Alves

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

**Este e-book é parte integrante
da Revista Projeto AutoEstima**

ISBN: 978-65-00-57310-7

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA, CONTO
OU CRÔNICA

DESDE O TEMPO DO PAPIRO, POR AUGUSTA MARIA REIKO, PÁG. 04

TE AMO, HEIN?!, POR AUGUSTA MARIA REIKO, PÁG. 06

CHUVA ÁCIDA, POR ISADORA MAGOSSO, PÁG. 08

O OLHAR DE ORPHEU, POR KARLA D. MARTINS, PÁG. 10

TERREMOTO NO SHOPPING MAIS PRÓXIMO, POR NATAN OLIVEIRA
FERREIRA, PÁG. 12

BARCELONA, POR SÔNIA CAROLINA, PÁG. 14

CRIME E CASTIGO, POR SÔNIA CAROLINA, PÁG. 17

NOITES DE INVERNO, POR WANDA ROP, PÁG. 21

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 23

ELENIR@CRANIK.COM

WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Desde o tempo do papiro

Por Augusta Maria Reiko

Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a Unesco) e o e-book "Lembranças" publicado pela UNIFAL - MG em 2022 (Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais).

O que dizer do nosso amor eterno?

Aqui estamos nós outra vez

Aquecendo-nos no gelo do inverno,

Sobrevivendo a mais um mês.

E quando eu sinto dor no corpo externo

E dor na alma em palidez,

Rogo a Deus que me tire deste inferno

Que se tornou a minha vida sem a sua tez.

Confesso que sou carente do seu amparo

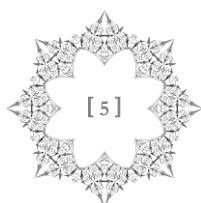
Nas horas que se arrastam vendo o mar.

E eu continuo seguindo o seu farol!

Confesso que por ti ainda suspiro

Porque o poeta só sabe amar

E declarar o seu amor no papiro.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Te amo, hein?!

Por Augusta Maria Reiko

Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a Unesco) e o e-book "Lembranças" publicado pela UNIFAL - MG em 2022 (Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais).

Quem disse que te amo, hein?
Só porque arrumo as suas roupas
E te faço suco direto da polpa?

Quem disse que entendo de Einstein
Falando da física do amor ao entardecer?
Só entendo de contigo envelhecer!

Quem disse que eu quero conhecer Liechtenstein?
Já me basta conhecer o seu corpo e sua mente
Em dia de inverno e em dia quente!

Não me interessa o livro sobre Frankenstein!
Já me assusto com o seu olhar de raiva e de medo
Quando tem que cortar as unhas dos meus dedos!

Ah, você não usa as roupas de Calvin Klein,
Mas eu te adoro mesmo assim!
Sem você o que seria de mim?

Eu estaria perdida na sua bagunça, hein?
Bagunça do coração e do roupeiro
Querendo te arrumar o ano inteiro!

Só pra dizer que te amo, hein?!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Chuva ácida

Por Isadora Magosso

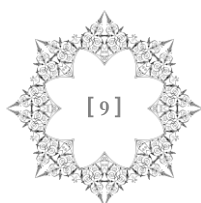
Menina cuiabana apaixonada por livros e criação de histórias desde criança. Hoje é graduanda em Engenharia de Computação pela UFMT e vê na escrita uma forma de passatempo, catarse e terapia.

Hoje não vai chover
eu já tirei as roupas do varal
fechei as janelas
guardei os cachorros
mas hoje não vai chover

Então por que o vento está tão frio?
Por que o riacho corre tão rápido?
E as árvores lançam suas folhas no chão?

Hoje não vai chover
não há nenhuma nuvem no céu
Hoje já choveu
Aqui dentro do quarto
molhando toda a cama
e o porta-retrato

Hoje não vai chover mais
o sol está quente lá fora
e a brisa sopra tão lenta
porque hoje eu já chovi demais





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O olhar de Orpheu

Por Karla D. Martins

Professora da (UFV) Universidade Federal de Viçosa; pesquisadora de História das Religiões e sentimentos religiosos; contista e poetisa. Ministra História Antiga, Medieval, Arte e Métodos e Técnicas de Pesquisa; criadora do grupo de estudo Magia e Religião. Autora de vários acadêmicos, poemas, contos e do livro *Agnus Dei: D. Antonio de Macedo Costa, D. António Ferreira Viçoso e os passos tridentinos no Brasil* lançado em 2022 pela Editora EDUPE (EDITORA DA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO). Os temas desses textos são de natureza histórico, mitológica e religiosa.

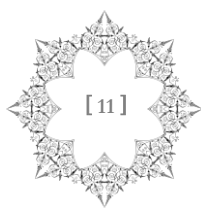
Que angustia não olhar
Que sina não atravessar
Com meu toque terminar
A sensação desse pesar

Olhos procuram o espectro
Mas ao vê-lo, não o vê
Olhos não estão despertos
À experiência do crêr

Sonolentos caminham adiante
Não encontram senão a si
Meu espelho está embaçado
Não enxergo além de mim

Leva-me vento à dobra do céu
Solta-me em meio ao vazio
Não sentirei medo algum
Pois, já estou por um fio.

A vida convida a ser vivida
A ruga mostra a dor de outrora
No íntimo da alma reprimida
Sobrevive a triste memória





A P R E S E N T A M O S A C R Ô N I C A

Terremoto no shopping mais próximo

Por Natan Oliveira Ferreira

É professor de língua inglesa e portuguesa há 09 anos. É cantor, poeta e ensaísta nas horas vagas. Além disso, gosta de ler como exercício de fruição e reflexão. Tem formação em Letras com especialização em Língua Portuguesa e Psicologia e Mestrado em Ciências da Educação.

O que fazer quando antigas certezas petrificadas de orgulho caem por terra? O melhor é traçar novos caminhos e metas... O que ficou pra trás é valioso enquanto persistência da memória. Nossa identidade precisa, muitas vezes, ser revista, senão, podemos pagar muitos preços indesejáveis a longo prazo. Mudar dói, corroi. Pedimos ajuda a Deus pra nos livrar do sofrimento. No entanto, sem esse afeto não podemos mudar; mudança implica vontade; vontade de praticar novas ações morais; vontade de internalizar novos conceitos de vida; pé no novo e mão no antigo.

Podemos plantar bananeiras com os pés contra a parede pra ver se conseguimos nos enxergar de fora pra dentro. Perspektivizar o "self" é um ato psíquico que requer investimento e demanda por energia corporal e psicológica. O social do "eu" tem que ser reinvestido e reinventado. O "social" não anula o "eu-absoluto". Pergunta-se: por onde andas os "eus" absolutos e rígidos de sentido? Qual caminho seguir? Não há. Devemos praticar virtudes em pauta com tenacidade e força de espírito.

A reprogramação e disposição do ser tomados agora como dimensões "a posteriori". Mudar agindo apesar da insistência conflitante entre identidades velhas e novas. Seres pungentes de organicidade, convoco-os. Meu nome ainda está por vir. Nascer, renascer e morrer. Estados de alma inexoráveis à existência humana: somos seres biologicamente regulados por quem? Sofrimento-felicidade é o lema da contemporaneidade? Em tempos modernos, atuais, pós-modernos e outras formas bagunçadas de modelos gerais e abstratos do cosmos estão presentes; mas não o vemos. É perigoso pensar em paz mundial? É perigoso pensar em repartir o pão entre todos sem meritocracia? O que está em jogo? O homem ou a vida? Em que alternâncias devemos nos apoiar? Inclinações, devaneios, tudo válido. Tudo significa isso tudo. Tudo é a soma de vários todos integrados ou seria: tudo é aquilo que você quiser que ele seja. Todo indivisível em átomos, partículas subatômicas? As especulações não cessam. Encerram, na verdade, você, prezado cliente.

É com muito prazer que lhe digo: seja bem-vindo.





A P R E S E N T A M O S A C R Ô N I C A

Barcelona

Por Sônia Carolina

Mineira de Uberaba, Minas Gerais, radicada em Brasília desde 1977, é Poeta, Escritora Artista Plástica e Psicanalista. Publicou seu primeiro livro de poemas "Falando de Amor" em 1990, o qual recebe em âmbito Nacional, o Prêmio Master de Literatura como melhor livro de poesias publicado de 1982 a 1992. Inúmeras vezes premiada, participa de Antologias, Jornais e Revistas com poesias, crônicas, contos e ilustrações. Como Artista Plástica, trabalha com as mais diversas técnicas que abrangem a pesquisa do Desenho Artístico e a Pintura com suas infinitas opções, desde o Fusain e o Pastel, com a descoberta singular da Têmpera e da Aquarela até os deslumbrantes efeitos do contemporâneo com óleo e acrílico. Com o requinte das experiências e surpresas trazidas por pigmentos e texturas, Sônia Carolina nos traz um mundo novo a traduzir as mais intensas emoções.

Sinto o perfume da poesia exalando aromas e quimeras, versos e cantigas pelas páginas em branco, construindo histórias, decifrando gestos e sentimentos nas narrativas mais simples e singelas do cotidiano.

Uma a uma desfolham-se as rosas e, em cada pétala arrancada na apoteose da vida, surgem pequenos trechos entrecortados de sonhos perdidos na realidade fugidia de cada acontecer. Abriu-se a Caixa de pandora e, instalou-se o caos na apoteótica ventura de viver.

E a soma de todas essas emoções me incita a encarar a verdadeira batalha, a vencer a mim mesma enquanto se digladiam sentimentos entrecortados pelas dúvidas.

De repente, o vazio interior se conecta ao burburinho da vida e, temos que continuar embora o passo hesitante e cauteloso nos advirta do perigo de viver, de correr o risco de acreditar nas ilusões, fantasmas de névea estrutura a nos acenar com vistas ao amanhã.

E a vida ali... Quisera que ela estivesse extática, mas, ao contrário do meu desejo, os minutos, as horas se estendem buliçosas por sobre os instantes que se esvã, provocando atitudes, pensamentos que nos provocam a continuar na liça.

Barcelona acordara há pouco em meio a vaporosa bruma, uma neblina envolvente e cariciosa como um céu de noiva esplendoroso, ostentando de quando vez, o brilho voluptuoso de um raio de sol mais atrevido, teimando em romper as amarras singelas da portentosa teia que, naquele dia abraçava toda a cidade.

O carro deslizava célere pelas longas avenidas ainda sonolentas, ostentando os gestos e os esgares provocados pela noite plena, pela algazarra dos sonhos espalhados pelas ruas imersas ainda na solidão da madrugada. O pensamento sem amarras cruzava pelas ruelas. bocejantes e inquietas, ante meu olhar de estupenda admiração pela visão apoteótica da cidade, que acordava sob os lampejos estruturados nos mais ínfimos detalhes pelas mãos portentosas de um escultor, ou pelo pincel inebriante de um admirável artista. Tudo respirando sob os auspícios de um cantor, ou pelos versos de um poeta madrileno, pura arte, arte sagrada que emociona pela beleza e ostentação de uma

época longínqua, que ainda, apesar do tempo, sobrevive latente e bela nos arroubos modernos do novo século.

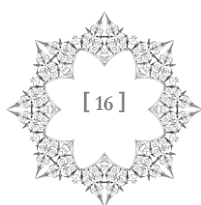
Barcelona acordara sob um espesso manto de neblina o que lhe conferia um ar de sobriedade logo desfeito pela alegria que brincava pelas ruelas estreitas serpenteando largas avenidas, cercadas pelo verde das palmeiras aureoladas pela verdura luxuriante da vegetação apesar do frio e do vento enregelante.

Algumas lágrimas insistem em molhar meu rosto, enquanto minha alma se perde em reminiscências de um passado longínquo pelas alamedas de vidas passadas com as quais, meu espírito agora se defrontava, identificando-se.

Pensamentos, imagens devaneavam ante meus olhos ávidos e repletos de saudade.

O sol por fim, romperá a cortina do dia desmanchando em gotas perfumadas de alegria, os últimos resquícios de um inverno que a tudo cobrira com um manto gelado e expressivo e, a meus olhos, a cidade se descobriu desperta, apresentando-se coroada pela beleza esculpida também pela mão do homem que a imortalizou em cada canto.

Façamos uma interrupção neste momento de paz e reencontro, e num rodopiar ardente das danças flamengas, vamos percorrer cada viela, cada espaço de uma ponte num suspiro, como que extasiada pelo reencontro, pela luz emanada de um dia sem igual, nem o último nem o primeiro, mas, único. E a beleza desse dia único, me fascina como o canto de uma sereia procurando atrair Hércules na Ilíada, me encantando e mergulhando nas profundezas do meu imo, como um sonho indomado em busca da materialização através da auréola rebelde da realidade.





A P R E S E N T A M O S A C R Ô N I C A

Crime e castigo

Por Sônia Carolina

Mineira de Uberaba, Minas Gerais, radicada em Brasília desde 1977, é Poeta, Escritora Artista Plástica e Psicanalista. Publicou seu primeiro livro de poemas "Falando de Amor" em 1990, o qual recebe em âmbito Nacional, o Prêmio Master de Literatura como melhor livro de poesias publicado de 1982 a 1992. Inúmeras vezes premiada, participa de Antologias, Jornais e Revistas com poesias, crônicas, contos e ilustrações. Como Artista Plástica, trabalha com as mais diversas técnicas que abrangem a pesquisa do Desenho Artístico e a Pintura com suas infinitas opções, desde o Fusain e o Pastel, com a descoberta singular da Têmpera e da Aquarela até os deslumbrantes efeitos do contemporâneo com óleo e acrílico. Com o requinte das experiências e surpresas trazidas por pigmentos e texturas, Sônia Carolina nos traz um mundo novo a traduzir as mais intensas emoções.

O dia amanhecera cinzento e lúgubre. Plúmbeas nuvens toldavam a limpidez da manhã. A aragem fina e fria que fluía ininterruptamente fazia verter do cálice de raras e pequeninas flores que circundavam o caminho de gotas transparentes, refletindo as imagens tristonhas do esgarçar violáceo da estação em declínio, como se fora o longo suspiro da primavera antes de mergulhar em seu inverno eterno.

A estrada longa e íngreme, aos poucos, deixava entrever em meio à escassa vegetação alguns vestígios de um tempo anterior. Paisagens magníficas se desdobravam à visão dos três cavaleiros que, impacientes, fustigavam os cavalos. O fidalgo acompanhado de dois serviçais estava de volta à casa paterna de onde se ausentara há muito.

O caminho tornara-se cada vez mais estreito e pedregoso serpenteando caprichosamente entre as rochas. Ao final de uma curva, desvendou-se aos olhos dos apressados mancebos, permeando um horizonte azul, um magnífico vale coberto por luxuriante vegetação. À frente agora, mais calmo pela proximidade do objetivo, o fidalgo, um jovem de mais ou menos trinta e cinco anos, envolvido em um largo manto escuro, deixava entrever sob o chapéu de abas largas, grossos anéis de cachos dourados emoldurando-lhe a fisionomia de traços finos. Um sorriso persistente e vago fazia sobressair a boca primorosamente cinzelada iluminando-lhe a face, onde expressivos olhos de um azul acinzentado denotavam um vivo e persistente pensamento que denunciava seu caráter impaciente e orgulhoso. Os outros dois companheiros de viagem o seguiam lépidos até que, estancando a marcha dos cavalos já exaustos, quedaram-se atônitos ante a visão descerrada após uma curva do caminho. O castelo, incrustado no alto de uma montanha, erguia, imponentes e sóbrias, suas torres cinzentas e tristes desafiando a imensidão. Vencendo a curta distância que agora os separava do destino almejado, logo tangeram o grande sino localizado ao lado de enorme portão maciço de ferro fundido.

Ao se identificarem, logo os portões foram abertos, desvendando ao olhar curioso dos três jovens a fervilhante vida que existia por trás das muralhas perdidas naquela imensidão.

Uma espessa floresta circundava o castelo. Seguindo por uma trilha estreita, nos deparamos com um espelho d'água, um esplendoroso lago azul que refletia o brilho prateado que alguns raios de sol, que se filtravam por entre as nuvens grisalhas, deixavam sobre as águas, plácidas imagens verdejantes da paisagem local, enquanto uma brisa aromática e suave emprestava ao ambiente uma cena de onírica beleza capaz de conduzir um observador ao êxtase.

Não obstante a singular beleza do pequeno castelo, a cor predominante é a cinza, trazendo ao olhar dos moradores estranhas e tristes lembranças emolduradas pelo tempo. Ao redor do Castelo, vemos pessoas circulando, trabalhando, cuidando dos animais, dos cavalos e das cavaliças.

O jovem fidalgo, preso às recordações, deixa seu olhar lúcido e perquiridor passear entre o povo que àquela hora transitava pelos arredores e, como em sonho, sua mente repleta de saudade o fez retornar a um tempo passado, distante, e ele então se sentiu como naquele dia no qual, admirado e embevecido, ficou-se extático ao ouvir mavioso canto vindo de algum lugar.

Os dúcidos acordes daquela voz tocaram-lhe as fibras mais íntimas do coração e, surpreso, se pôs a procurar a dona daquela voz invulgar, quando estacou surpreso ao se deparar com uma jovem de estonteante beleza, moça simples do povo que terminava de lavar roupas em pequeno riacho que cortava uma parte da região onde se localizava o castelo. Deixou que o cavalo se fartasse daquela água límpida e borbulhante, enquanto os olhos de fogo e cobiça despiam a jovem que, espantada e admirada pela beleza do cavaleiro, o olhava surpresa e amedrontada.

Ah!... O encanto e a sedução de um momento construindo largo tempo de arrependimento e lágrimas...

O pensamento célere, açoitado pelas lembranças, continuava a deslizar impetuoso, trazendo-lhe as imagens que hoje ele gostaria de apagar para sempre. O pensamento sem amarras continuou em sua marcha estonteante e o conduziu silenciosamente pelas cavaliças onde ainda ouviu o soluçar daquela jovem por entre as palhas, subjugada pelas

suas mãos férreas, enquanto a estuprava. Entristecido e assombrado ouviu seu soluçar dorido enquanto executava o crime hediondo, ainda exalando o cheiro acre das bebidas que lhe incitavam o proceder cruel e medonho.

Na cornucópia da vida, os anos deslizam céleres. E nesse dia então, eis que por aquela mesma trilha solitária ele retorna ao castelo, em busca de um tempo perdido, atrás de nítidas recordações que o embalaram de sonho e nostalgia em todos aqueles anos em que se ausentara. Era aquele mesmo homem premido pelo remorso que, ao regressar, trazia no coração e na mente a imagem daquela pequena camponesa que teve em seus braços, e em cujos olhos viu admiração e amor, surpresa e dor, enquanto a cadência desses sentimentos externados pela pequena criança o excitavam e divertiam. Atormentado pela lembrança, pela candura e simplicidade da menina, corroído pelo remorso, ele decide rever uma vez mais aquele recanto onde a luz da simplicidade coloria a tudo com a inocência daquele olhar quase infantil. A imagem daquela moça, simples e ingênua, jamais o abandonara e, fustigado pela culpa, carrega consigo o sonho de ficar com ela, iniciar uma vida nova, pois se conscientizou de que encontrara o amor. No entanto, ao procurá-la, soube que jamais poderia realizar o que pretendia, pois, após o infausto acontecimento de tempos idos, ela se matara.

Passam-se os anos e vamos encontrar nosso fidalgo trazendo nos braços uma pequenina e frágil criança. Casara-se buscando em vão a felicidade, trazendo gravada, a ferro e fogo em sua lembrança atormentada, a visão daqueles olhos profundos e puros.

No entanto, em seus braços, através da lei da reencarnação, a camponesa retornara à vida, atraída pelo amor, na figura da filha doente e franzina. A mente ativa e o olhar profundo e eloquente pousam no homem que a tem nos braços, hoje encanecido e triste. Ele sustenha-lhe o olhar embevecido de amor enquanto a pequenina flor exala seu derradeiro suspiro. Em seu desespero, triste e aturdido pela suprema infelicidade, aperta contra o peito o frágil corpinho, enquanto chora a felicidade e a alegria para sempre perdidas.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Noites de inverno

Por Wanda Rop

Paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, Major da PMRO, graduada em História e Filosofia, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa" (Ed. Sunny) e "Tempo de Amar" e "Desejos do Coração" (Ed. Baronesa).

Em silenciosas noites de inverno surge a saudade de você.

Contemplo sua beleza em fotos antigas e choro.

O bom senso está distante do meu caminhar.

Em meu existir as dores sangram secretamente.

Meu coração já foi doce e repleto de alegria, belo como uma flor tímida que nasce entre as gramíneas macias.

Eu era como uma ansiosa princesa na torre, delirando de paixão em noites gélidas e estreladas.

O calor dos meus sentimentos era expansivo, acordar ao seu lado refletia o mais puro amor.

Naquelas delicadas e suaves auroras, os seus beijos intensos causavam êxtase em minh'alma.

Intensamente deslumbrada e apaixonada pela sua ternura e transbordar sentimental.

Meu amado, seu olhar azul e profundo como o céu foi o encanto que seduziu o meu viver

Senti em incontáveis e longas noites de inverno, a inevitável delícia que era amar você.

A saudade que sinto é o inigualável reviver de um tempo em que podíamos contemplar as belezas invernais romanticamente, sem pensar no fim do nosso relacionamento.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE:
CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE:
WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA:
WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

SIGA A PÁGINA:
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA OS NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:
CLIQUE AQUI